

O DESPERTAR DO FENÔMENO BULLYING NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS

Matheus Folgearini Silveira (UNICENTRO)

Clarice Schneider Linhares (UNICENTRO)

RESUMO: Quando o tema *bullying* é descrito e discutido pelos de meios de comunicação, geralmente se associa à ideia de que é um fenômeno de contínua agressão psicológica e/ou física a crianças e adolescentes. Todavia, o *bullying* ocorre em diversos níveis sociais, econômicos e etários, inclusive com jovens em instituições de ensino superior. Somam-se a isso, as interações entre três segmentos - os acadêmicos, os docentes e os agentes universitários - os quais convivem com e sofrem por causa do *bullying*, independente do papel que exerçam no local de trabalho ou estudo. Tal fenômeno já foi identificado em diversas instituições de ensino e trabalho de vários países, causando, em suma, depressão, sociofobia, ansiedade, perda de autoestima, doenças psicossomáticas e demais patologias nas vítimas. Dada à caracterização desse problema, é necessário atentar para possíveis casos que, convenientemente, não são percebidos por falta de ferramentas para o seu diagnóstico, devendo com isso implantar políticas pedagógicas para se banir esses comportamentos excludentes e discriminatórios. Este artigo ressalta os aspectos principais do *bullying*, desde os seus agentes, os ambientes onde ocorrem e até os problemas causados pela falta de controle adequado devido ao desconhecimento desse fenômeno.

Palavras-chave: *Bullying*. Instituições de Ensino Superior. Vitimização. Estresse Social.

THE ARISING OF BULLYING IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS

ABSTRACT: When bullying is described and discussed by the media, there is a general association to the idea that it is a phenomenon of constant psychological and/or physical aggression against children and adolescents. However, bullying occurs in various social, economic and age groups, including young people in higher education institutions. In addition to this, the interactions between three segments, the academics, professors and university staff who live with and suffer because

of bullying, regardless of their role at the place of work or study. This phenomenon has been identified in various educational and work institutions in several countries causing, in short, depression, social phobia, anxiety, loss of self-esteem, psychosomatic illnesses and other pathologies to the victims. Given the characterization of this problem, one must pay attention to the possible cases that conveniently, are not perceived due to the lack of tools for its diagnosis, and with it, implement educational policies to banish these exclusionary and discriminatory behaviors. This article highlights the key aspects of bullying, from its agents, environments where it occurs, to the problems caused by a lack of control due to the ignorance of this phenomenon.

Keywords: Bullying. Higher Education Institutions. Victimization. Social Stress.

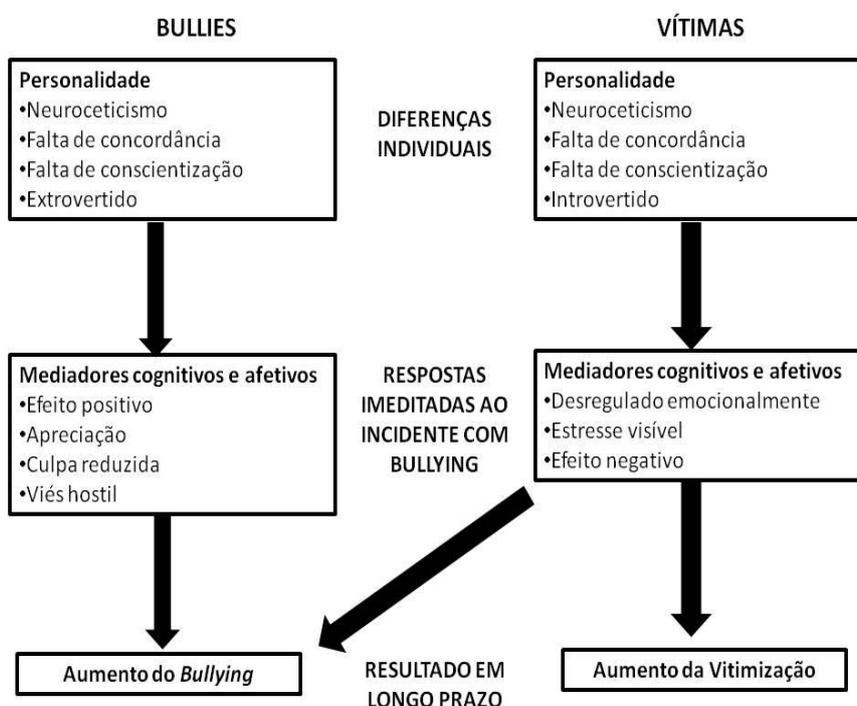
Introdução

O *bullying* é um fenômeno estudado em diversos setores da sociedade, incluindo a Academia, indústria, setor de saúde e a área educacional. Conceitualmente, *bullying* é o ato consciente de agressão e/ou manipulação de um indivíduo ou mais em relação a outro indivíduo ou grupo. (BJÖRKQVIST, 2001; MONKS *et al*, 2009). Todavia, não existe um consenso a respeito da terminologia a ser empregada, mas devem-se considerar alguns elementos básicos na sua caracterização: impacto no receptor, efeito negativo na vítima e um comportamento persistente. Ao contrário do *bullying* entre crianças, que se caracteriza pelo estigma da diferença social ou física, os *bullies* adultos são geralmente causados pela inveja das realizações de suas vítimas, principalmente no ambiente de trabalho (DE WET, 2010, p. 1455). As vítimas geralmente apresentam depressão, ansiedade, sociofobia, perda de autoestima, doenças psicossomáticas e diversos sintomas. Consequentemente, o ambiente de estresse crônico na forma de derrota social – vitimização do *bullying* – proporciona severas disfunções comportamentais (BJÖRKQVIST, 2001; MONKS *et al*, 2009).

Geralmente o início se dá por uma ação de um *bully*, o qual possui um grupo que o sustenta e uma ou duas vítimas, sendo que, grosso modo, 70% são espectadores. Com o tempo, o número de compactuantes aumenta, tornando-se uma agressão em grupo. Muito dos casos de *bullying* que ocorrem nas escolas são de origem psicológica natural, conduzida

como agressão indireta, manipulando a estrutura social da classe com o intuito de excluir a vítima de atividades, sendo rejeitada por seus pares (BJÖRKQVIST, 2001). A partir disso, observa-se a estreita relação entre o poder e a personalidade de forma extremamente dinâmica, entre o agressor e o agredido, resultando, dessa forma, em uma resposta a um evento específico, que, no caso, pode influenciar na probabilidade de eventos semelhantes ocorrerem novamente no futuro, onde os indivíduos possuem papéis e comportamentos distintos (Fig. 1) (BOLLMER *et al*, 2006 p. 804).

Figura 1: Organograma teórico do fenômeno *bullying* entre os agentes desse processo (BOLLMER *et. al*, 2006 - adaptado)



Para ser considerada uma vítima de *bullying*, argumenta-se que o indivíduo envolvido deve ter dificuldades em se defender da situação atual devido à diferença de poder entre o autor e a vítima ou pelo desequilíbrio do status de grupos aos quais pertencem (EINARSEN, 2000, p. 381-382). Nesse conceito, inclui-se a repetição da atitude negativa – assédio sexual, incômodos, exclusão social, ofensivas verbais,

abuso físico e outras atitudes semelhantes – em determinado período de tempo (EIRNARSEN, 2000, p. 383-384).

Podemos transpor algumas características encontradas na educação infantil para o ensino médio e superior, a fim de observar reações perante o *bullying*. Sabe-se que não existe um perfil homogêneo específico caracterizado como *bully*, ao passo que existem diversos subgrupos como as ‘vítimas-bully’, na qual o comportamento agressivo próprio da criança resulta em retaliação e, conseqüentemente, *bullying* por outros indivíduos. A característica do agressor comumente encontrado apresenta o estereótipo de um jovem dominante que agride os outros, mas sem o temor da retaliação, característica essa que se percebe no comportamento de uma personalidade antissocial.

No ensino médio, *bullies* e vítimas possuem percursos diferentes na construção do seu curriculum, sendo que estas sobrevivem aos atos repetidos de humilhação e desrespeito daquelas. Contudo, essas ações deixam cicatrizes emocionais ao longo da vida, as quais podem desencadear atos de retaliação, tais como tiroteios e o suicídio (NEWMANN, 2007). As mazelas desses atos não ficam restritas apenas às vítimas, sendo que os próprios *bullies* apresentarão problemas em um futuro próximo, como condenações e criminalidade, alcoolismo, desordens de personalidade antissocial, violência doméstica, abuso sexual em crianças e assédio sexual, sendo que os *bullies* apresentam uma propensão quatro vezes maior de envolverem-se em atividade criminal, bem como a sua recidiva, do que em relação às vítimas (NEWMANN, 2007).

Portanto, é preciso que os adultos que têm convívio com essas crianças entendam que elas não praticam o mau-trato simplesmente por diversão e, sim, porque estão sinalizando a necessidade de ajuda, já que podem estar sendo vítima de alguma violência em casa e isso repercutir na escola. É importante salientar que não são todos os agressores que pertencem a famílias consideradas desestruturadas, sendo que, muitas vezes, a ausência de afetividade e de empatia nas relações familiares pode causar comportamentos sociais agressivos nesse indivíduo em construção (DRESCH & TREVISON, 2011).

Dada a situação demonstrada, não restam dúvidas quanto à influência negativa do *bullying* no processo de aprendizagem, tendo em vista a insegurança, ansiedade e medo da vítima em relação à próxima atitude do eventual

agressor em manter sua posição como ‘valentão’ (MONKS et al, 2009; DRESCH & TREVISON, 2011).

A Universidade, Violência Simbólica e o *Bullying*

Através do uso da noção de violência simbólica, busca-se desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como ‘naturais’ as representações ou ideias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e essa se apoia no exercício da autoridade (WACQUANT, 2002, p. 95-101; VASCONCELLOS, 2002). A dominação possui variadas relações de poder, no qual o sucesso do aluno está condicionado às suas características sociais, da mesma forma em que se digladiam os participantes das instituições de ensino superior dentro do academismo do corpo docente e agentes universitários, ressaltando os aspectos inerentes da violência simbólica latentes nessa organização na estrutura universitária (VASCONCELLOS, 2002). Tendo em vista que a sociedade brasileira é caracterizada por uma imensa diversidade sociocultural, ninguém deve ser estigmatizado por tais diferenças (DA SILVA et al, 2011 p. 598).

Como já identificado em crianças, os jovens vítimas apresentam introversão, desânimo e, eventualmente, isolam-se dos demais colegas, sendo preteridos, dessa forma, prejudicando o seu processo de ensino-aprendizagem. Podem-se associar tais interações independentes do nível de escolaridade de um indivíduo, as quais podem danificar a expressão desses em vários estágios (HUGHES et al, 2010). Em detrimento de interações sociais, as vítimas depreciam propositadamente o seu desempenho acadêmico para, na sua mentalidade, igualar-se aos *bullies* a fim de evitar perseguições que as estigmatizam (DRESCH; TREVISON, 2011, p.407-408)

A era digital e o *bullying*

A rede mundial de computadores – Internet – tem sido empregada como forma de ensino e aprendizagem, além de entretenimento por muitos jovens. Contudo, o *bullying* atingiu esse meio, sendo caracterizado como *cyberbullying*, tendo em

vista que o objetivo assemelha-se ao *bullying* usual, mas utilizando os meios virtuais de comunicação. Esse tipo de efeito pode ser considerado importante e disseminador, pois uma ofensa de caráter pessoal pode ser vista por inúmeros indivíduos, resultando em efeitos diferenciados quando comparada a uma ofensa direta pessoal sem a presença de outros (TURAN et al, 2011).

Em estudo com 579 acadêmicos universitários da Turquia, 74,8% ouviram falar de amigos que sofreram *cyberbullying* e que, ao todo, 56,1% sofreram *bullying* (TURAN et al, 2011). Somam-se a esses índices, a ocorrência desse fenômeno entre docentes e discentes em pequena porcentagem (0,7%). Contudo, é relevante salientar esse dado, tendo em vista a infiltração do *bullying* no meio universitário de forma aparentemente discreta e sem intervenções adequadas.

No Brasil, já há dados epidemiológicos acerca do *bullying* em algumas instituições de ensino superior. No estudo de Mascarenhas e colaboradores (2011, p.943), 56,8% de alunos sofriam *bullying* a partir de insultos e/ou apelidos difamatórios, incluindo 45,1% na forma de *ciberbullying* por meio de redes sociais, correio eletrônico e via telefone celular. Observa-se, também, que as vítimas dessa forma de *bullying* apresentam maior número de casos de depressão do que os *bullies* e as vítimas-bulies usuais, tendo, em contrapartida, maior propensão a sofrer esse sintoma quando comparados com aqueles que ocasionalmente sofriam com tais atitudes (WANG et al, 2011).

O ambiente de trabalho e o *bullying*

A universidade é um ambiente de trabalho onde docentes, agentes universitários, colaboradores e acadêmicos interagem no cotidiano, exercendo relações de poder associado às atribuições importantes de cada elemento na cadeia de ensino. Entretanto, muitas dessas relações podem apresentar comportamentos discriminatórios, as quais se caracterizam como *bullying* no trabalho.

Os estudos sobre esse fenômeno no local de trabalho ou *workplace bullying*, principalmente em empresas e instituições, iniciaram-se na Escandinávia, nos países de língua alemã e no Reino Unido, tendo como base o *bullying*

escolar como ponto inicial. Essa forma apresenta três estágios progressivos distintos: (1) agressão indireta, como fofoca; (2) confronto aberto verbal, seguido de rejeição social da vítima, para a qual tipicamente não é lhe dirigido a fala ou olhar; e (3) tentativa de forçar a saída da vítima do local, fazendo com que essa perca o emprego, no qual é frequentemente bem sucedida (BJÖRKQVIST, 2001). Esse fenômeno causa danos não só para as vítimas, como para seus amigos e familiares; além disso, prejudica a empresa em relação a eventuais ausências, redução na produtividade e doenças inerentes. (BLOISI; HOEL, 2008).

O grupo social formado por colegas de trabalho é, ao lado da família, provavelmente a referência de grupo mais importante para um indivíduo adulto. A imagem de cada pessoa depende de como é tratada por seus colegas. Do mesmo modo, perder o trabalho pode implicar perdas maiores – econômicas, de carreira e futuro. Não espanta que a exposição ao *bullying* no local de trabalho possui severas consequências e suicídios não são raros. As vítimas apresentam síndrome de stress pós-traumático, especialmente se sofrerem agressões pelo chefe, dos quais não podem se defender. A média de tempo para o aparecimento de sinais sérios é de quinze meses, sendo eles: depressão, sociofobia, ansiedade, perda de autoestima, doenças psicossomáticas e distúrbios do sono, tanto em homens como mulheres (BJÖRKQVIST, 2001).

Como qualquer ambiente de trabalho, o ambiente universitário também possui o *bullying*. Tal fenômeno ocorre com 24% dos funcionários de uma instituição de ensino superior, pelo menos, uma vez. Se somado ao total de alunos, 11% já sofreram com tais atitudes (JUSTICIA et al, 2007).

Em conjunto, a formação profissional é uma etapa fundamental dentro do ensino superior, e até mesmo os cursos da saúde como Medicina acarretam o *bullying* em seu cerne. Em diversos países, identificam-se casos frequentes de abuso verbal, aliados a outros comportamentos, perpassando por diversos segmentos como docentes, agentes universitários e estudantes (BAIRY et al, 2007; AHMER et al, 2008).

Consequências do *bullying*

Em decorrência das atitudes do *bully*, diversas enfermidades psicológicas e eventuais desvios de conduta das

vítimas têm sido caracterizadas e acompanhadas a longo prazo, essencialmente nos casos do *bullying* escolar.

Observam-se alterações como indivíduos masculinos vitimizados possuírem menos parceiras sexuais; em contrapartida, os femininos possuem mais parceiros comparativamente aos indivíduos que não sofreram *bullying*. Acrescenta-se a isso os efeitos no futuro do jovem vitimizado, tais como desemprego, baixa renda, nível intelectual baixo, dificuldade de relacionamento com o sexo oposto na fase adulta (GALLUP et al, 2009), depressão profunda (WANG et al, 2011) e até mesmo o suicídio (SKAPINAKIS et al, 2011).

Considerações

Referenciando o estudo de Mascarenhas e colaboradores (2011), o mesmo demonstrou que a maioria dos estudantes participantes (52,9%) não sabe como solucionar o problema e, entre os que sabem, 16,3% não conseguem solucioná-lo. Aproximadamente 70% de acadêmicos de ensino superior, considerados a 'elite' intelectual, não possuem habilidades para lidar com algo que os acomete tal qual como as crianças; Além disso, 57,1% são observadores alheios às atitudes do *bullying*.

O que vale salientar é o fato de que o ambiente universitário deve ser de universalidade intelectual e cultural, onde a competição existente deve ser pautada pela capacidade do discente em se defrontar com problemas referentes à carreira a qual desejou, ou seja, pelo nível de aprendizado do viés científico teoria-prática, e não pelo aspecto moral do ser.

Nessa perspectiva, os professores precisam lidar com essa problemática, intervindo de forma pontual sobre as vítimas do *bullying* para que as mesmas procurem auxílio profissional e institucional para lidar com esse fenômeno, impedindo atitudes declaradas e expansivas de *bullying* entre alunos isoladamente ou em grupo, como, por exemplo, ocorre nos casos do ingresso de calouros (HAMILTON et al, 2008; MONKS et al, 2009; DRESCH; TREVISOL, 2011, p.411). Sob essa óptica, cabe ressaltar ainda a necessidade do preparo pedagógico do professor aliado a condições plenas de ensino para evitar a marginalização acadêmica, seja da vítima ou do *bully* propriamente dito. Dessa forma, buscar-se-á a retidão da conduta estudantil e demais elementos nessa interação,

tendo em vista o amparo por lei que garante segurança, bem-estar psicossocial, assim como proteção à saúde física, integridade moral e honra (MASCARENHAS et al, 2011 b; DA SILVA et al, 2011, p. 600).

Considerando as observações ora descritas, sabe-se que a temática *bullying* deve oportunizar maior diálogo entre docentes e discentes, através do conhecimento mútuo e do desenvolvimento de um ambiente de respeito, confiança e espontaneidade. A partir disso, ter-se-á a premissa da universalidade com o intuito de se conhecer características de seus pares, construindo uma estrutura baseada na formação de acadêmicos cidadãos e responsáveis, agindo por meio da ética e da competição intelectual e não da moral, objetivando, assim, erradicar o fenômeno *bullying* que está instaurado e interpondo-se nas instituições de ensino superior brasileira.

Referências

AHMER, S.; YOUSAFZAI, A.W; BHUTTO, N.; ALAM, S.; SARANGZAI, A.K.; IQBAL, A. Bullying of medical students in Pakistan: a cross-sectional questionnaire survey. *PLoS ONE*, v. 3, n. 12, e 3889, p. 1-4, 2008.

BAIRY, K.L.; THIRUMALAIKOFUNDUSUBRAMANIAN, P.; SIVAGNANAM, G. SARASWATHI, S.; SACHIDANANDA, A.; SHALINI, A. Bullying among trainee doctors in Southern India: A questionnaire study. *Journal of Postgraduate Medicine*, v. 53, n. 2, p.87-90, 2007.

BJÖRKQVIST, K. Social defeat as a stressor for humans. *Psychology and Behavior*, v.73, 435-442, 2001.

BLOISI, W.; HOEL, H. Abusive work practices and bullying among chefs: A review of the literature. *International Journal of Hospitality Management*, v. 27, p. 649–656, 2008.

BOLLMER, J.M.; HARRIS, M.J. MILICH, R. Reactions to bullying and peer victimization: narratives, physiological arousal, and personality. *Journal of Research in Personality*, v. 40, p. 803–828, 2006.

DA SILVA, J.L.; MASCARENHAS, S.A.N.; MARTINEZ, J.M.A. Formação de professores aptos a diagnosticar e trabalhar gestão do fenômeno *bullying* no ensino superior: uma necessidade. In: *Anais do II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral*, Campinas, 4-7 de julho de 2011

- DE WET, C. The reasons for and the impact of principal-on-teacher bullying on the victims' private and professional lives. *Teaching and Teacher Education*, v. 26, p.1450-1459, 2010.
- DRESCH, D.; TREVISOL, M.T.C. Compreensão de educadores sobre o bullying: cenários do cotidiano em foco. In: *Anais do II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral*, Campinas, 4-7 de julho de 2011.
- EINARSEN, S. Harassment and bullying at work: a review of the Scandinavian approach. *Aggression and Violent Behavior*, v. 5, n. 4, p. 379-401, 2000.
- GALLUP, A.C.; O'BRIEN, D.T.; WHITE, D.D.; WILSON, D.S. Peer victimization in adolescence has different effects on the sexual behavior of male and female college students. *Personality and Individual Differences*, v. 46, p. 611-615, 2009.
- HAMILTON, L.D.; NEWMAN, M.L.; DELVILLE, C.L., DELVILLE, Y. Physiological stress response of young adults exposed to bullying during adolescence. *Physiology & Behavior*, v. 95, p. 617-624, 2008.
- HUGHES, S.; GABEL, R.; IRANI, F.; SCHLAGHHECK, A. University students' perceptions of the life effects of stuttering. *Journal of Communication Disorders*, v. 43, p. 45-60, 2010.
- JUSTICIA, F.J.; MUNOZ, J.L.B.; DE HARO, E.F.; BERBÉN, A.G. El fenómeno Del acoso laboral entre lós trabajadores de la universidad. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 457-463, set./dez. 2007
- MASCARENHAS, S.A.N.; DA SILVA, I.R.; MACIEL, A.C.; MARTINEZ, J.M.A.; Diagnóstico da ocorrência do bullying/cyberbullying na universidade – uma pesquisa com estudantes da UFAM e da UNIR. In: *Anais do X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 3 a 6 de julho de 2011, Maringá, Paraná. Sem página. (b)
- MASCARENHAS, S.A.N.; MARTINEZ, J.M.A.; DA SILVA, J.L. Representações de estudantes universitários sobre a ocorrência do *bullying* no contexto acadêmico. In: *Anais do II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral*, Campinas, 4 a 7 de julho, 2011 (a).
- MONKS, C.P.; SMITH, P.K.; NAYLOR, P. BARTER, C.; IRELAND, J.L.; COYNE, I. Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory. *Aggression and Violent Behavior*, v.14, p. 146-156, 2009.

NEWMAN, B.Y. *Bullying: Emotional and physical terrorism*. American Optometric Association: Health Notes, p. 567-568, 2007.

SKAPINAKIS, P.; BELLOS, S.; GKATSA, T.; MAGKLARA, K.; LEWIS, G.; ARAYA, R.; STYLIANIDIS, S.; MAVREAS, V. The association between bullying and early stages of suicidal ideation in late adolescents in Greece. *BMC Psychiatry*, v.11, n. 22, p. 1-9, 2011.

TURAN, N.; POLAT,O.; KARAPIRLI, M.; UYSAL, C.; TURAN,S.G. The new violence type of the era: Cyber bullying among university students Violence among university students. *Neurology, psychiatry and brain research*, v. 17, p.21-26, 2011

VASCONCELLOS, M.D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 78, Abril, p. 77-87, 2002.

WACQUANT, L.J.D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. Tradução de Adriano Nervo Codato e Gustavo Biscaia de Lacerda. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002.

WANG, J.; NANSEL, T.R.; IANNOTTI, R.J. Cyber and Traditional Bullying: differential association with Depression. *Journal of Adolescent Health*, v. 48, p. 415-417, 2011.

Sobre os autores

Matheus Folgearini Silveira é Médico Veterinário, Mestre em Patologia Animal e Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Setor de Ciências Agrárias e Ambientais *campus* CEDETEG. Guarapuava, Paraná.

Clarice Schneider Linhares é Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Departamento de Pedagogia *campus* de Guarapuava. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

Enviado em: 02/04/2013

Aceito para publicação em: 30/10/2013